

MARX EM FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Anita Pedrosa Fontes.
Graduanda em Pedagogia.
Pesquisadora do grupo Práxis, Educação e Formação Humana.
Universidade Estadual do Ceará – UECE.

RESUMO

O presente trabalho pretende esboçar a contribuição do pensamento de Marx para a educação. Apesar de não ter um escrito dedicado exclusivamente à educação, Marx recorre a esse tema em meio de realçar o caráter da exploração capitalista do trabalho em geral. Muitos estudiosos da educação foram e continuam a ser influenciados pelas contribuições de Marx na análise da sociedade capitalista, na sua lógica de reprodução e nas suas instituições. Tocaremos no ponto da educação a serviço do capital na primeira parte do trabalho. Já na segunda parte veremos como a educação pode ser vista como um instrumento de mudança social, não sendo tratada aqui como fator primordial para tal mudança, mas como fundamental sem a qual a mudança não se realiza. A terceira e última parte do trabalho trata das concepções que Marx junto a Engels teve em matéria de educação, de uma forma mais geral, em uma sociedade emancipada. Para a construção deste trabalho, ainda em andamento, usamos da pesquisa bibliográfica.

Palavras-chaves: Marx, Educação, Filosofia, Capital, Emancipação Humana.

I EDUCAÇÃO À SERVIÇO DO CAPITAL

No contexto histórico e social ao qual Marx vivia, durante a segunda metade do século XIX, onde o capitalismo apresentava ainda suas formas mais selvagens e visíveis de acumulação (Primeira Revolução Industrial), o uso da força de trabalho de crianças era muito bem vista pelos industriais e o nível de instruções dessas crianças e da classe trabalhadora em geral era mínima ou inexistente. Eis o que escreve Engels sobre o grau de instrução dos trabalhadores da Inglaterra:

Se a burguesia só lhes deixa na vida (dos trabalhadores) o estritamente necessário, não devemos nos espantar ao constatar que ela só lhes concede a dose de cultura que o seu próprio interesse exige; o que não é muito, na realidade. Comparados a população, as verbas para a instrução são incrivelmente baixas. Os raros cursos que funcionam durante a semana e que estão à disposição da classe trabalhadora só podem ser freqüentados por um público extremamente reduzido e, ainda por cima, não valem nada. Os mestres – operários aposentados ou pessoas inválidas para o trabalho que se tornam

professores para ganharem a vida – não possuem, na sua grande maioria, nem os conhecimentos mais rudimentares; são desprovidos dessa formação moral tão necessária ao mestre, e não existe qualquer controle público sobre esses cursos.(...) a burguesia tem pouco a esperar e muito a temer da formação intelectual do operário. (ENGELS apud NOGUEIRA,1993)

É no quadro social do século XIX que Marx escreve suas idéias a respeito do modo de produção social capitalista, e as questões referentes à propriedade privada, a compra e a venda da força de trabalho, a exploração do homem pelo homem, a mais-valia, a ideologia dominante e a luta de classes, que ainda são atuais pelo fato da lógica capitalista ainda não ter sido superada. Deste modo à educação formal e informal, estando inserida dentro do contexto social capitalista tende a servir a suas necessidades de reprodução. Como nos afirma Mészáros:

A educação institucionalizada, especialmente nos últimos 150 anos, serviu no seu todo – ao propósito de não só fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à máquina produtiva em expansão do sistema do capital, como também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes, como se não pudesse haver nenhuma alternativa à gestão da sociedade, seja na forma “internalizada” (isto é, pelos indivíduos devidamente “educados” e aceitos) ou através de uma dominação estrutural e uma subordinação hierárquica e implacavelmente imposta. A própria História teve de ser totalmente adulterada, e de fato freqüente e grosseiramente falsificada para esse propósito. (MÉSZÁROS, 2005)

Deste modo percebemos que o sistema capitalista se serve da educação, basicamente em dois fatores: primeiro como meio para qualificar a força de trabalho e para a formação dos quadros dirigentes; e segundo para difundir seus valores, legitimando e muitas vezes naturalizando o seu modelo de sociedade. E além desses dois fatores citados acima o capitalista se serve da educação como um meio de circulação de capital, transformando assim a educação em mercadoria e suas instituições em empresas.

No nível de complexidade em que se encontra a sociedade moderna e no grau de fragmentação e especificidade de suas instituições tanto a educação formal como a informal tomam papéis fundamentais na reprodução do sistema societal do capital. Para termos uma noção disto basta pensar nas várias funções hoje atribuídas à escola (formação geral, preparação para a vida produtiva e social, transmissora de valores morais etc).

Sendo assim, a educação pode ainda ser vista como uma mediação para a mudança social, estando tão interligada a lógica capitalista?

II A EDUCAÇÃO COMO MEDIAÇÃO PARA A MUDANÇA SOCIAL

No contexto atual temos uma mudança no que Marx chama de composição orgânica do capital, trabalho morto e trabalho vivo, e onde o predomínio do capital constante (maquinaria, instalações etc) perante o capital variável (força de trabalho) traz consigo também profundas mudanças no processo produtivo e no modo de viver das pessoas.

As causas da crise atual vão para além do dito acima, mas suas conseqüências já se tornam bem visíveis:

(...) o aumento do desemprego, porém agora de uma forma avassaladora e irreversível; a precarização do trabalho; a corrosão dos direitos trabalhistas e sociais; a ampliação do trabalho informal; o processo de mercantilização das empresas e serviços públicos; uma produção cada vez mais destrutiva, ou seja, abrigada a tornar os bens cada vez mais rapidamente obsoletos; uma competição cada vez mais violenta entre as empresas e entre os Estados nacionais; a submissão mais direta dos Estados aos interesses do capital e inúmeros fenômenos. Tudo isso, juntamente com o enorme agravamento dos problemas sociais de toda ordem: miséria, pobreza, fome, violência, degradação dos serviços de saúde, habitação, saneamento, educação, etc. (TONET)

Deste modo a educação, intrinsecamente ligada ao social, se encontra neste turbilhão de exigências do novo padrão do processo de produção e das novas relações sociais e é levada a pensar em novas formas de ser. Neste ponto podemos dizer que a educação se encontra numa encruzilhada: ou ela veste uma capa de humanista, sem visar à superação da lógica capitalista, e com isso buscar formas de contornar a situação; ou busca auxiliar na erradicação da matriz capitalista geradora de desigualdades, utilizando parâmetros que visem uma possível sociedade comunista (esta sendo entendida aqui como o reino da liberdade do qual falava Marx, uma sociedade que possibilita o pleno desenvolvimento humano com as bases materiais necessárias a este desenvolvimento).

Sobre o significado de possível atribuído no parágrafo anterior, tomamos novamente as palavras de Ivo Tonet:

Esta categoria é freqüentemente utilizada para justificar objetivos que demonstrem uma viabilidade imediata, opondo-se, assim, a objetivos julgados de difícil ou impossível obtenção. O sentido atribuído a essa categoria por Aristóteles, pode nos ajudar a equacionar melhor o problema. Segundo ele, o possível é um conjunto de determinações do objetivo que podem ou não vir a se realizar. Em princípio, todas são possíveis. Contudo, nem todas se realizaram. Esta realização depende de muitas coisas. O rumo, porém, que ela tomará – o que é de maior importância – depende do fim que se quer atingir. O que significa que é incorreto definir o que é possível pela viabilidade imediata. Muito mais importante do que isso é verificar em que medida aquilo que está sendo realizado se conecta, através de quais mediações, com qual fim. Não se trata, portanto, de menosprezar a viabilidade, mas de compreender que, sendo esta sempre importante, sua definição, em termos de amplitude, profundidade e prazo, sempre estará – explícita ou implicitamente vinculada ao fim almejado. Portanto, a primeira e principal questão é: qual a natureza do fim pretendido? (TONET)

Com isso, as teorias e as práticas pedagógicas devem ser norteadas a fim de contribuir para formar pessoas que caminhem no sentido de uma autentica comunidade humana e no processo de emancipação humana.

Sobre isto Marx acredita que a união do ensino com o trabalho ajudará a derrubar as condições capitalistas de exploração. Então como fator fundamental da luta de classes, a classe operária deve lutar pelo acesso à cultura técnica, pois o conhecimento técnico (intelectual e manual) garantirá uma maior autonomia à classe trabalhadora, pois trará uma maior compreensão do processo de produção que permitirá o seu controle por parte dos mesmos – controle este que lhes foram desapropriado. Mas a real concretização desta “união” só se dará, na concepção de Marx e Engels, em uma sociedade sem classes, o que pode ser feito ainda no seio da sociedade capitalista é aproveitar e agravar suas contradições.

Esta combinação do trabalho produtivo *pago* com a educação mental, os exercícios corporais e a aprendizagem politécnica, elevará a classe operária bem acima do nível das classes burguesas e aristocráticas. (MARX apud NOGUEIRA,1993)

De tudo que foi dito, uma coisa é certa: não há fórmulas perfeitas para tal transformação social, mas há de ser, necessariamente, uma transformação consciente, com os fins e os meios bem esclarecidos na mente das pessoas, por que do contrário será o mesmo que procurar no mato escuro estrela-do-mar.

III A EDUCAÇÃO EM UMA SOCIEDADE FUTURA

Marx juntamente com Engels antevê as relações sociais que poderão tecer a sociedade futura tendo sempre como pano de fundo as condições materiais e históricas que possibilitaram a existência de uma sociedade comunista.

Para nós, o comunismo não é nem uma situação que deve ser criada, nem um ideal segundo o qual a realidade deverá paupar. Chamamos comunismo o movimento real que abole a situação atual. (MARX e ENGELS apud NOGUEIRA, 1993)

A situação atual ao qual os autores se referem é o modo de produção societal capitalista que se fundamenta na propriedade privada, na divisão do trabalho e na divisão social do trabalho, o que influencia o modo de vida das pessoas, abolida esta situação e tendo as condições necessárias, teremos o pleno desenvolvimento do homem que agora produzirá para a sua própria necessidade e para a necessidade do coletivo e não mais para a necessidade de acumulação capitalista e para o favorecimento da classe dominante. Engels invoca a relação entre educação e trabalho na sociedade futura nos seguintes termos:

Assim como os camponeses e os operários manufatureiros do século passado tiveram todo o seu modo de vida modificado e se tornaram homens completamente diferentes após terem sido incorporados pela grande indústria, a gestão coletiva das forças produtivas pelo conjunto da sociedade e o novo desenvolvimento da produção daí resultante necessitaram e criaram homens completamente diferentes dos de hoje em dia. A gestão social da produção não

pode estar em mãos de homens que, como o caso atual, se encontram estritamente submetidos a um ramo particular da produção, acorrentados a ele e explorados por ele, tendo desenvolvido uma só de suas faculdades em detrimento das outras e conhecendo apenas um ramo ou mesmo uma só parte de um ramo da produção. Já a própria indústria atual necessita cada vez menos de tais homens. Quando à indústria gerida em comum e segundo um planejamento coletivo, ela supõe homens cujas faculdades sejam desenvolvidas em todas as direções e que estejam em condições de dominar todo o sistema de produção. A divisão do trabalho, já, alais, mediada pelo progresso do maquinismo, e que faz de um camponês, de outro um sapateiro, de um terceiro um operário fabril e de um quarto um especulador da Bolsa, desaparecerá completamente.

A educação possibilitara aos jovens assimilar rapidamente, na prática, todo o sistema de produção. Ela fará com que passem sucessivamente de um a outro ramo da produção segundo as necessidades da sociedade ou suas próprias inclinações. Ela liberta-los-á, por conseguinte, desse caráter unilateral que a atual divisão do trabalho impõem a todos os indivíduos. Assim, a sociedade organizada em bases comunistas oferecerá aos seus membros a possibilidade de utilizarem em todos os sentidos as suas faculdades, as quais poderão se desenvolver harmonicamente.(...)

O desenvolvimento completo das capacidades de todos os membros da sociedade graças à superação da divisão do trabalho tal qual ela se dava até aqui , graças a educação baseada no trabalho, às mudanças de atividades, à participação de todos nos benefícios criados por todos, à fusão da cidade e do campo – tais serão as principais conseqüências da superação da propriedade privada. (ENGELS apud NOGUEIRA, 1993)

De uma forma resumida todos os membros da sociedade comunista produziram e usufruíram as riquezas socialmente construídas. Haverá uma rotatividade na produção afim de que os indivíduos tenham uma visão do conjunto do processo produtivo e com o advento das máquinas a jornada de trabalho seria mínima, garantindo assim o tempo livre aos seres humanos para que possam usufruir todas as suas faculdades, podendo assim “fazer tal coisa hoje e tal amanhã, de caçar pela manhã, de pescar a tarde(...), de me dedicar à crítica após as refeições, segundo a minha vontade, sem jamais tornar-me caçador, pescador ou crítico”(MARX e ENGELS apud NOGUEIRA,1993 p.121) .

O que caberia fundamentalmente à educação seria a formação politécnica (que une o trabalho manual ao intelectual), desse modo favorecendo a rotatividade na produção e abolindo, assim, o fenômeno da especialização e também a função de fortalecer as capacidades criativas do homem.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

MÉSZÁROS, Istiván. Trad. de Isa Tavares. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005. p.35-36

NOGUEIRA, Maria Alice. **Educação, saber, produção em Marx e Engels**. São Paulo: Cortez, 1993. p.71, p.91, p.120, p122.

Tonet, Ivo. **A educação numa encruzilhada..** Disponível em: <<http://www.geocities.com/ivotonet/>>. Acesso em: 10 abril. 2009. p.4 e p.9.

